

Aprendizado adquirido durante meus cinco anos de estudo na UFG e na Terra Indígena Xerente

Geovane Símnãkrã Pereira Xerente¹

RESUMO

Neste artigo, faço um relato dos cinco estágios que realizei como parte da minha formação em Educação Intercultural no Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena da Universidade Federal de Goiás. Os cinco temas que trabalhei foram de acordo com a situação do meu povo Akwẽ, e para isso peguei alguns temas contextuais para trabalhar na sala de aula e no campo, trabalhei os temas: no primeiro estágio o tema “Roça tradicional”, no segundo estágio o tema “A importância de água para o povo Akwẽ”, no terceiro, “Remédio tradicional do povo Akwẽ”, no quarto estágio o tema “Cofos *siknõ*”, e no último e quinto estágio o tema “Patrimônio cultural material e imaterial”. Todos os meus cinco estágios foram realizados na Escola Estadual Indígena Kâwahâzase. Para mim e para os alunos todos os estágios foram uma grande aprendizagem tanto na sala de aula quanto no campo.

PALAVRAS-CHAVE: Estágios. Educação Escolar Indígena. Povo Akwẽ.

5 nã wahum nã ro ãt kawaihkuze wanĩm romkmãdkã wa kãtõ ktãwankõ nĩm romkmãdkã wa rowahtuzem wa

DAMRMÊ KTURÊ

Kãnmẽ Wazatõ isiwasku ro ãt kawaihku 5 nã *estãgio* aimõ ãtkrẽkta aimõ rowahtuzem wa kãtõ rowi akbunĩ mba, aimõ Hẽsuka zanãmrkwai aikte nõri me kãtõ Akwẽ tãkãhã dazakrui wamhã nõrai mẽ, ponkwane wahu *matriz bãsica* nã ãwamtrẽ are mrẽprane wahu, *matriz espedĩfica* nã ãwamtrẽ, aimõ isimã itkmẽ nmĩstu to *Ciẽncias da Cultura* wanĩm romkmãdkã wa kãtõ sromã nĩm romkmãdkã wa ro ãt kawaihku da are dure ãt samãr waihku mnõ pibuma, tahã 5 *estãgios* na ãwamtrẽ tõ kbure wat takãhã rowahtuze si Kãwahãzase wa ãt kmã kraĩnĩsut dazakrui si Kãwahãzase (*Recanto da Água Fria*) wa. Smĩsi *estãgio* ãt kmãnã wi watõ ãpahi aimõ dawaikwa ãt wasku pibuma Hẽsuka zanãmr kwa ãwanãhã nõrai ma siwakru ãt kawasku zõ, watõ kbã ãpkẽ wa isisdanãr aimõ ãt kmã kahõs psẽ mnõzõ, to tasiwa adu rowahtu na inipi kõnmẽ, are Wazatõ krĩnĩnãr ãsimẽmhã ãt sdanãr mãri ãt waihku psẽ kõwa, are ãnĩm rowahtukwai nõri Wazatõ dure nẽsi sdanã, tõ WhatsApp wam zemã, are dure *sãbado* nãhã Rowahtukwa te dakrẽktõwa rowahtuze si UFG krikahãzawre – Goiãnia wam hã wazatõ nẽsi dure ãnẽ rowahtukwa tẽ rowahturẽ ãnt wapar pibumã, are wawanãhã Hẽsuka zanãmr kwai nõri sipi tẽ wasku waza dure nẽsi wapa, kmãdãk, are tane hawi watõ waihakupẽs ãt kmãkahõs pẽs.

¹ Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiãnia, Goiãis, Brasil. E-mail: geovanepereiraxerente@gmail.com.

Introdução

Aqui conto minha experiência dos meus cinco estágios que tive oportunidade de ministrar na sala de aula e fora da sala de aula, durante os meus 5 anos de estudos no curso de Educação Intercultural. Foram dois anos de matriz básica e três anos de matriz específica, em que escolhi a Ciência da Cultura para me aprofundar mais. Todos os meus cinco estágios, apresentados neste artigo nas próximas seções, foram realizados na escola Indígena Kâwahâzase, localizada na aldeia Kâwahâzase, chamada em português de Recanto da Água Fria, na Terra Indígena Xerente, estado de Tocantins.

Quando iniciei meu primeiro estágio, tive aquele medo de apresentar o meu trabalho de estágio no meio dos meus colegas veteranos. Ficava pensando comigo que eu não atuava na sala de aula naquele tempo, mas sempre gostei de conversar com os colegas e com meus professores do comitê Akwẽ na etapa da UFG, e nas orientações de sábado, em Goiânia, e até nas mensagens de WhatsApp tirava as minhas dúvidas com professores do comitê: professora Suety Libia, professor Mário Coelho, professora Aline da Cruz e professora Joana Fernandes. E sempre gostei de assistir às apresentações dos meus colegas e, assim, ia aprendendo sobre como fazer esses trabalhos de estágio. A minha grande experiência inesquecível também foi quando cheguei em Goiânia, no Núcleo Takinahakỹ, em janeiro de 2016, onde conheci os meus colegas de diferentes povos da minha turma e de outras turmas veteranas. Vi a diversidade de línguas e pinturas corporais, danças, cantorias diferenciadas. Isso pra mim foi o momento maravilhoso que passei, numa cidade grande, na faculdade dos indígenas do Intercultural.

Na primeira etapa da UFG, em 2016, eu já voltei para minha aldeia com muitas coisas na minha mente que aprendi e descobri, principalmente a valorização das nossas culturas, línguas e outros, portanto cheguei com muitas coisas para repassar para meus alunos e comunidades, de incentivo e de valorização da nossa cultura.

Durante esses períodos do meu estudo acadêmico, o curso vinha me preparando mais para a sala de aula. Hoje posso dizer que estou preparado para trabalhar e ajudar o meu povo Akwẽ na nossa escola indígena.

Nas próximas seções, apresento um resumo dos estágios realizados durante esses cinco anos de formação docente.

1. Estágio I: *Bru – Akwẽ Nĩpi* (tema contextual “Roça tradicional do povo Akwẽ-Xerente”)

No dia 09 de abril de 2018 iniciei o meu primeiro estágio, com o tema contextual *Bru – Akwẽ nĩpi* (roça tradicional do povo Akwẽ). Nesse tempo eu não era professor ainda, atuava na área da saúde,

por isso, pedi a permissão ao professor Adalto Xerente, que atuava na Escola Estadual Indígena Kâwahâzase, da aldeia Recanto da Água Fria, para fazer meu estágio com seus alunos. Posteriormente, todos os cinco estágios realizei na mesma escola.

Figura 1. Roça de toco.



Fonte: Fotografia tirada na aldeia Recanto da Água Fria, julho de 2017.

Iniciei as aulas às 7 horas da manhã, segunda-feira, com o professor Adalto Xerente me apresentando para a turma multisseriada, formada por alunos das séries iniciais de primeiro ao quinto ano. Depois escrevi o tema contextual “Roça tradicional do povo Akwê” no quadro negro. Tratava-se do tema a ser trabalhado durante esse período, de 9 a 12 de abril de 2018. Então, comecei a falar oralmente o porquê de ter escolhido esse tema, explicando que é importante ter esse tipo de roça para plantação de alimento saudável. E, em seguida, trabalhamos o calendário de produção da roça de toco. Vimos que se começa a fazer essa roça no mês de maio, junho, julho e setembro, com as queimadas; e, em seguida, plantação, até as colheitas.

No dia 10 de abril, terça-feira, nossa segunda aula, iniciada às 7 horas pela manhã, continuamos as atividades com a problematização oral. Fiz um pequeno questionário para os alunos responderem através da minha explicação oral anterior: qual é o tempo certo de fazer a roça tradicional? Eles e elas responderam que é no mês de maio. E quem trabalha mais nessa tarefa, homem ou mulher? E cada um respondeu que são os homens.

Em seguida, perguntei: por que os nossos antepassados trabalhavam mais na roça? Para nos ajudar a responder essa pergunta, convidamos uma anciã Wakrtidi, de 66 anos. Ela disse que o povo trabalhava muito na roça porque não tinha Bolsa Família, e outros benefícios do governo, e não tinha muito funcionário Akwẽ. O povo só vivia de alimento da roça, pesca, caça, e de frutos silvestre como bacaba, buriti, pequi e outros, e continuou que hoje muitos indígenas Akwẽ são funcionários no estado, na saúde, na FUNAI, e em outros órgãos, por isso hoje em dia não são todos que trabalham na roça, e assim que ela terminou de nos responder, terminamos as aulas. Encerramos às 10 horas da manhã.

No dia 11 de abril, quarta-feira, às 07 horas, pela manhã, iniciamos nossas aulas práticas. Eu, juntamente com os alunos, fui numa casa de uma família onde mostrei atividades práticas, e eles assistiram as mulheres (*pikõ*) preparando mandioca para fazer farinha e beiju. Elas mostraram os processos de fazer beiju e farinha. Conhecer o processo de produção destes alimentos tradicionais nos ajudou a refletir sobre o fato de que antes do contato com os não indígenas com a presença muito forte de alimentos industrializados, nós nos alimentávamos mais com alimento da roça.

* * *

História da Wakrtidi

Nesse mesmo dia, realizamos mais uma entrevista com anciã Wakrtidi Xerente, que convidamos nas aulas anteriores para nos contar um pouco como era no tempo de criança e adolescência dela.

Wakrtidi contou que no tempo dela foi tudo diferente. Todos trabalhavam na roça, se alimentavam mais com alimento da roça, peixe e carne de caça, por isso os Akwẽ daquele tempo eram muito fortes, não conhecíamos alimento da cidade e doces industrializados, como bolacha, bombom, refrigerante e outros tipos de doce. O doce que as crianças Akwẽ comiam era cana de açúcar, banana, mel de abelhas e outros tipos de doce natural. Eu acredito, disse ela, que por isso no meu tempo de criança não existiam essas doenças chamada diabetes, pressão alta, obesidade e outras doenças sem cura que estão atacando o meu povo Akwẽ no tempo de hoje. Tudo isso é causado por alimentos industrializados, ou seja, alimentos da cidade.

Wakrtidi continuou contando que no seu tempo de criança e adolescência era tudo difícil em relação às coisas que são compradas com dinheiro, como roupa, vasilha, bolsa, mochila e outros objetos. Por exemplo, prato de comer, não tinha; sempre o nosso prato foi cabaça. Nossas mochilas eram cofos que a nossa mãe fabricava para guardar ou levar nossas pouquinhos peças de roupa que tínhamos para quando íamos para outra aldeia. A escola naquele tempo era somente na aldeia Rio

do Sono e na aldeia Baixa Funda. Funcionários eram somente da FUNAI, e eram os missionários que trabalhavam na escola indígena.

Depois ela falou um pouco do tempo de hoje. Wakrtidi contou que hoje tudo se tornou mais fácil: quase todo mundo é assalariado, os jovens de hoje têm roupa nova, calçados, celulares digitais e outros objetos caros que “no meu tempo os meus pais não tinham condição de comprar pra mim”. Depois Wakrtidi abriu um espaço para as perguntas dos alunos, e uma aluna perguntou se ela tinha chinelo havaiana naquele tempo, e se existia transporte, como carro, moto, ônibus e outros. E ela respondeu que chinelo quem tinha eram somente as famílias dos funcionários da FUNAI, que andavam de chinelo. E ela respondeu outra pergunta sobre transporte, que o carro era somente da FUNAI e dos missionários; motos não existiam; bicicleta também eram só os funcionários que possuíam. E assim que ela terminou de responder algumas perguntas dos alunos, encerramos as aulas.

* * *

No dia 12 de abril de 2018, iniciei as aulas às 7 horas da manhã. Nessa última aula, foram formados dois grupos; cada grupo fez um desenho da roça tradicional e desenharam também o que plantaram nas suas roças, e em seguida fizeram uma apresentação.

Grupo 1. Todos os alunos do grupo 1 se apresentaram: seus nomes, onde moram e que alimentos desenharam para representar suas roças. Depois cada um comentou um pouco do que aprendeu nessas aulas do tema roça tradicional. Foi muito interessante ouvir as apresentações deles.

Grupo 2. Apresentaram seus nomes, onde moram, os desenhos de suas roças e o que desenharam nas suas roças, também comentaram o que aprenderam. Uma aluna, Daiana, agradeceu por ter aprendido muitas coisas desse tema contextual, principalmente sobre o perigo dos alimentos industrializados, que ela não sabia que podiam prejudicar a nossa saúde.

E, depois de todas as apresentações, retomei as minhas falas agradecendo a todos os alunos que participaram do meu primeiro estágio e ao professor Adalto, por ter me dado oportunidade de eu realizar esse meu primeiro trabalho de estágio. Também fiz agradecimento para anciã que nos contou as suas histórias do tempo dela e do tempo de hoje, apesar do tempo muito pouco, mas conseguimos adquirir um pouco de conhecimento através da anciã. Sobre o tema abordado, tive

algumas dificuldades por motivo também que estava iniciando esse meu primeiro estágio. E aqui encerro o relato sobre as minhas aulas de primeiro estágio.

2. Estágio II: *Kâ* (tema contextual “A importância da água para o povo Akwê”)

O meu segundo estágio teve como tema contextual a importância de água (*kâ*) para o povo Akwê; foi realizado na Escola Estadual Indígena Kâwahâzase. Para mim foi mais uma grande experiência de trabalhar com os alunos de séries iniciais. Todos gostaram desse tema, pois trata-se de um tema que os alunos já conhecem, com o qual convivem no dia-a-dia e não tiveram muitas dificuldades para entenderem. Fiquei feliz de ensinar para eles e aprender deles também. Através desse meu estágio aprenderam, descobriram que a água não é só para beber, irrigar as plantas, cozinhar, lavar, mas também para servir como caminho de transporte, para gerar energia elétrica e para brincar.

Figura 2. Alunos tomando banho no córrego próximo à aldeia Fonte.



Fonte: Arquivo pessoal.

Iniciei as aulas a partir das 7 horas da manhã do dia 8 de outubro de 2018, com o professor Adalto novamente, uma vez que eu no momento eu ainda não trabalhava na sala de aulas. Me apresentei para os alunos, e falei da importância do tema “água” para o povo Akwê e para todos os seres vivos em geral. Escrevi no quadro negro o tema a ser trabalhado durante o período de 8 a 16 de outubro de 2018, falando oralmente o quanto a água é importante para nós e para todos os seres vivos, por isso, nós indígenas temos muito amor pela água, sempre nos preocupamos de cuidar e preservar a água e os mananciais.

E, em seguida, pedi a eles para citarem os nomes de seres vivos que dependem da água, e escrevemos no quadro negro: *sirê* ‘passarinhos’, *sika* ‘galinha’, *kuihá* ‘jacaré’, *wdê* ‘árvore’, *tbê* ‘peixe’ e outros seres vivos. Assim, o horário nosso esgotou, e encerramos a nossa primeira aula às 9 horas. E perguntei se gostaram e disseram gostaram muito.

No dia 11 de outubro de 2018, iniciamos a aula às 7 horas da manhã, com a produção de texto através de desenhos, os quais foram escritas no quadro negro. Todos os alunos desenharam e pintaram com lápis de cor, e colocaram os nomes de todos os seres vivos na língua portuguesa e na língua Akwẽ. Depois cada um apresentou para seus colegas de classe. O que achei mais interessante é que todos eles sabem sobre alimentação de seres vivos desenhados por eles. Em seguida, coloquei uns vídeos de desenhos sobre a economia de água, assistimos juntos, e encerrei a segunda aula.

No dia 15 de outubro de 2018, continuamos nossas atividades a partir das 7 horas da manhã. Coloquei um vídeo sobre barragem para geração de energia elétrica. Foi muito interessante e chamou muita atenção dos alunos por ser uma obra muito grande feito pelo homem branco. Os alunos perguntaram: para que é feito isso? E expliquei que é para gerar energia, a luz, e citei a barragem de Lajeado, muito próxima da nossa aldeia, e ficaram muito admirados com isso. E, em seguida, assistimos também aos vídeos dos protestos, do povo por causa do vazamento, da lama da barragem da cidade de Mariana, em Minas Gerais, que acabou com muitas vidas em geral. Para o nosso parente Ailton Krenak, o vazamento dificultou as pescas, tomar banho, em alguns dias foi muito ruim para os indígenas, e comentei que os brancos pensam mais é no dinheiro e não na natureza.

Para terminar nossa reflexão, contei para meus alunos uma história que ouvi de meu avô Hermogenes Smrĩpte Xerente.

* * *

História de Kâmhã ou Tpêtdêkwa

Contei uma história que meu avô sempre me contava quando eu era criança: que tudo na natureza tem dono, o dono da água e peixe se chama Kâmhã ou Tpêtdêkwa, que é uma mulher muito bonita, de cabelos loiros, e morena. Existe homem loiro e moreno também, com eles e elas quem conversa é somente o pajé. Eles moram debaixo das pedras no fundão do rio, eles se zangam e ficam tristes, e até adoecem quando a água do rio é poluída, ou quando prejudicam as águas. Por isso, nós, Akwẽ, sempre respeitamos eles, sempre preservamos os rios.

* * *

No dia 16 de outubro de 2018, retomamos as aulas às 7 horas da manhã e expliquei sobre os três estados de água: líquido, sólido e gasoso. Em seguida, fizemos atividades práticas na cozinha da minha casa: fizemos experiência sobre os três estados de água. Primeiramente, coloquei água na vasilha e coloquei no fogão para esquentar e mostrei o vapor subindo. E coloquei também água em líquido num copo e explicando e tiramos também gelo da geladeira, que é água sólida. Expliquei tudo direitinho e, em seguida, voltamos para a sala de aula.

Na sala de aula, para encerrar, passei uma atividade de desenho dos três estados de água — líquido, sólido e gasoso — e traduzi esses três estados de água para língua Akwẽ. Colocamos os nomes: *kâ-nõku* ‘água líquida’, *kâ-kuknẽ* ‘água sólida’ e *kâ-nĩze* ‘água gasosa’. Em seguida, todos os alunos apresentaram na frente, e assim, encerramos as nossas aulas de segundo estágio com o tema “A importância da água (*kâ*) para o povo Akwẽ”.

Reflexão sobre as dificuldades de trabalhar esse tema

Esse é mais um trabalho realizado por mim, junto com os alunos desta escola que gostei muito, mas não saiu como eu queria. O que eu queria era levar os alunos à beira de um rio como o rio Tocantins, ou rio do Sono, acompanhado de um ancião, para contar história do mesmo, que tipo de peixe existia nesse rio antes da barragem de Lajeado, e como está hoje no tempo atual. Mas isso foi impossível de realizar devido à distância de 50 quilômetros entre o rio e a nossa escola.

3. Estágio III: tema contextual “Remédio tradicional do povo Akwẽ”

Meu terceiro estágio foi sobre o tema contextual “Remédio tradicional do povo Akwẽ”. O estágio foi realizado de 13 a 15 de março de 2019 na escola indígena Kâwahâzase. Nesse estágio, eu já atuava como professor nesta unidade de ensino, e às 7h30 da manhã iniciei as minhas primeiras aulas. No primeiro momento, apresentei meu tema contextual, “Remédio tradicional do meu povo”; escrevi no quadro e comentei um pouco a importância do tema para nós Akwẽ. Em seguida, fizemos uma roda de conversa sobre o tema. Depois de muita conversa com os alunos, passei atividade para casa, para eles e elas entrevistarem seus pais ou responsáveis, com as seguintes perguntas feitas oralmente:

1. Quem era o nosso médico antigamente? Ancião, pajé, curadores, conhecedores de plantas medicinais?
2. Onde as mulheres (*pikõ*) ganhavam bebê? Ganhavam em casa mesmo?
3. Quem cuidava? A família ou sogra?

Eles me trouxeram essas respostas no dia 14 de março, para a sala de aula. Nesse mesmo dia convidei a anciã Maria Helena Wakrtidi para a sala de aula e pedi a ela falar os tipos de remédios e para que servem, e fui escrevendo no quadro para os alunos.

Figura 3. Aula prática: pesquisa de campo, Maria Elena Wakrtidi.



Fonte: Arquivo pessoal, 14 de março de 2019.

Listo abaixo os conhecimentos que a anciã compartilhou.

Remédios tradicionais:

1. Óleo de wakõ (quati): serve para eliminar a queda de cabelo, e nascer muito saudável.
2. Óleo de ponẽ (veado-campeiro): serve para eliminar as feridas da boquinha de criança, passando três vezes ao dia.
3. Casca de jabuti: serve para ossos quebrados. Queimar e fazer o sumo para passar em ossos quebrados.
4. Óleo de capivara: serve para eliminar reumatismo.
5. Óleo de figado de arraia: serve para eliminar pneumonia.
6. Folha de carne: serve para eliminar as diarreias de criança.

Em seguida, pedi aos alunos para desenharem os remédios tradicionais registrados acima, e produzir um pequeno texto. E cada um produziu o desenho e um pequeno texto.

E em seguida, saímos para o campo para conhecer as plantas medicinais. A anciã foi mostrando as árvores que servem como remédio para nós. A casca de madeira chamada capitão-do-campo serve para eliminar a diarreia. Da madeira chamada candeia tiramos as cascas e as folhas; a casca levamos para a sala de aula, para apresentar nas aulas seguintes.

Figura 4. Explicação da senhora Maria Helena Wakrtidi de plantas medicinais para alunos e alunas.



Fonte: Arquivo pessoal, 15 de março de 2019, escola Kâwahâzase, aldeia Recanto Água Fria.

No dia 15 de março de 2019, iniciei as aulas às 7h30. Ajuntamos os remédios colhidos na mesa e a anciã Maria Helena Wakrtidi foi explicando novamente cada remédio tradicional, como preparar, como dar para paciente, e ela completou que antigamente curávamos nossas crianças somente com este remédio. Neste momento, ela se emocionou lembrando de sua avó e de sua mãe que já se foram alguns anos atrás. Wakrtidi contou que foi a minha avó, sua mãe, que tinha ensinado a ela todos esses conhecimentos adquiridos. Esses remédios que hoje estão servindo para os filhos e netos. Assim, ela encerrou a sua palestra de incentivo para os alunos.

Em seguida, para encerrar, pedi para que todos os alunos apresentassem os remédios que estavam na mesa e explicassem para que serve e como dar esse remédio para paciente.

1. A aluna Daiana apresentou a folha de carne explicando que serve para eliminar diarreia. Ela também apresentou e explicou uma planta chamada para-tudo, que serve para eliminar tosse seca, tomando chá.
2. A aluna Tkadi apresentou o *kusipa*, que serve para corpo machucado e ossos fraturados.
3. E os demais alunos apresentaram seus desenhos produzidos.

E assim, encerramos as nossas aulas e fiz agradecimentos a todos, em especial à anciã, que é minha mãe e que me ajudou neste trabalho.

4. Estágio IV: *Siknõ* (tema contextual “Cofó”)

O estágio foi realizado entre 23 e 27 de setembro 2019, na escola estadual indígena Kâwahâzase.

Figura 5. Fotografia de aula prática com Maria Helena Wakrtidi.



Fonte: Arquivo pessoal, 23 de setembro de 2019.

No dia 23 de setembro de 2019, segunda-feira, às 7 horas, iniciamos esse meu quarto estágio, apresentando o tema *siknõ* (cofos), explicando, oralmente, para a turma o quanto é importante o trabalho do Akwẽ. Primeiramente, pedi para os alunos explicarem onde são retirados os materiais para fazer o cofó. E fizemos a lista junto com os alunos para que serve o cofó. Eles responderam que é para carregar carne moqueada, carregar criança, carregar frutas, carregar peixe, e alimento da roça e carregar também lenha e outros.

E fiz um pequeno questionário para todos responderem na sala:

- | | |
|--|---|
| (1) Onde é encontrado o buriti? | (2) Quem fabrica? |
| <input type="checkbox"/> na beira do rio | <input type="checkbox"/> mulher |
| <input type="checkbox"/> no cerrado | <input type="checkbox"/> homem |
| <input type="checkbox"/> na lagoa/brejo | <input type="checkbox"/> criança |
| | <input type="checkbox"/> anciã e ancião |

E em seguida levei alguns alunos meninos para o lugar onde é encontrado o buriti. Praticamente, foram somente os homens, já que essas tarefas de carregar palha de buriti é os homens que fazem, pois é um trabalho pesado, cansativo, e quando estiver em casa as mulheres

tomam conta do serviço, fazem artesanato. No local expliquei para eles oralmente cada tipo de palha para fazer os cofos que o Akwẽ faz.

Figura 6. Tipos de cofos: *siktõnrîrê* de cor branca e *siktõktabi* de cor verde.



Fonte: Arquivo pessoal.

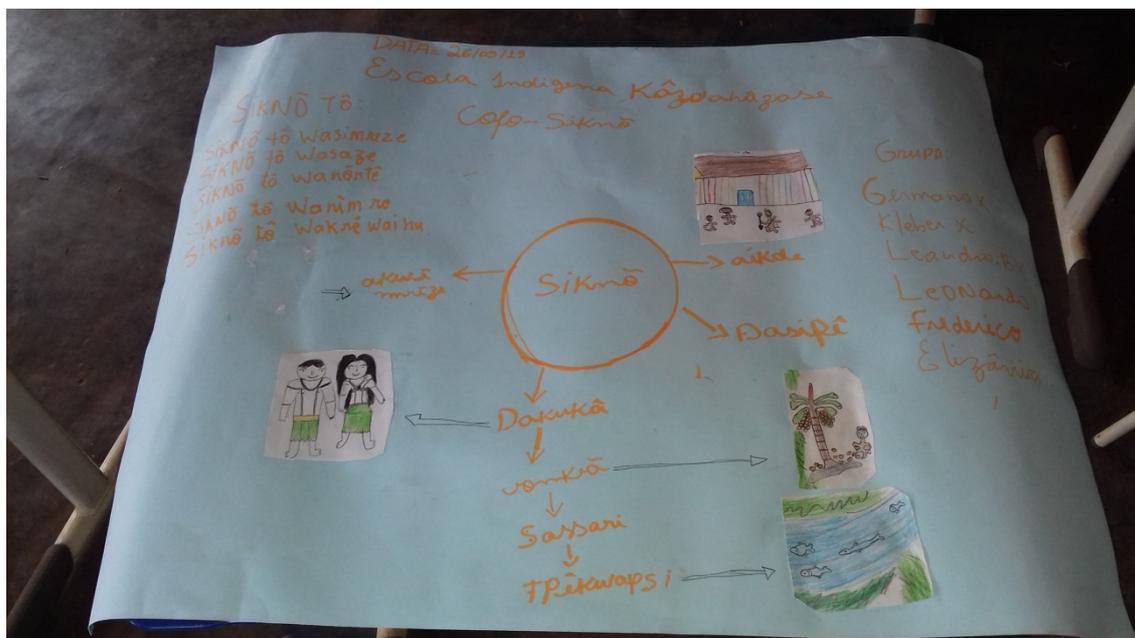
São esses os tipos de *siknõ* ‘cofos’: *siktõnrîrê*, *siktõktabi* e *skrã*. Este último é um cofo emergencial que quase todos *ambã* sabem fazer no mato mesmo quando precisam. Tivemos a oportunidade de conhecer um pé de buriti, que é cortado para fazer tora de buriti *kuiwdê*. Todas as dúvidas deles foram esclarecidas por mim. Foi muito interessante, eles mesmos tiraram as palhas e olho de buriti para fazer *siknõ* e outros artesanatos com as fitas; e em seguida voltamos para casa.

No dia 25 de setembro de 2019, quarta-feira, às 7h30 iniciamos a continuação do nosso trabalho de estágio na sala de aula. Convidei três mulheres e uma anciã para ensinar como fazer *siknõ* ‘cofo’, atividade prática dentro da sala. A anciã ensinou para as mulheres como trançar cofo. Todas tiveram oportunidade de tentar aprender e tirar as dúvidas. As *pikõ* que participaram foram: Eva Arbodi Xerente, Aparecida Warĩdi Xerente, Luciene Smĩkadi Xerente e a anciã Maria Helena Wakrtidi Xerente, que ministrou a aula prática; os alunos da escola também participaram. Esse dia foi muito proveitoso, as meninas tiraram as dúvidas; infelizmente nenhuma das três mulheres sabia por onde começar o cofo. Disseram que sabiam fazer somente mandala e outros artesanatos de capim-dourado, e elas perguntaram à anciã com quem ela aprendeu a fazer esses *siknõ*. E ela respondeu que foi observando os mais velhos, parentes, avós, amigas, mãe e, enfim, que segundo ela ninguém ensinou para ela, ela aprendeu somente observando os outros.

E ela continuou dizendo que ela acredita que o jovem de hoje não se interessa muito por aprender todo artesanato Akwê, por ter muita tecnologia no nosso meio, como: celular, televisão, internet, jogos de futebol e outros objetos do branco. Isso que deixa as crianças e jovens muito ocupados para aprender o que é nosso. Por isso a comunidade, junto com professores, tem que incentivar as nossas crianças e jovens para aprenderem o que é nosso, porque se não aprenderem depois de nós, mais velhos, todos partirmos, quem vai fazer esses trabalhos para os jovens? Aí, pode ficar somente nas fotos. Isso nunca pode acontecer. E assim, encerremos as aulas.

No dia 26 de setembro de às 7h30, retomamos as atividades na sala de aulas. Pedi para os alunos desenharem no chamex e colarem na cartolina os desenhos, *siknõ* no centro da folha, e ao redor deveriam desenhar para que serve o cofo. Assim, no trabalho em grupo, eles desenharam pescaria (*tpêkwapsi*), casamento (*dakukâ*), frutas (*romkrã*), alimentação da roça, caça e tudo que envolve *siknõ*, e fizeram um pequeno texto do que entenderam dos *siknõ*, ou seja, para que serve.

Figura 7. Trabalho em grupo (“Para que serve o cofo?”).



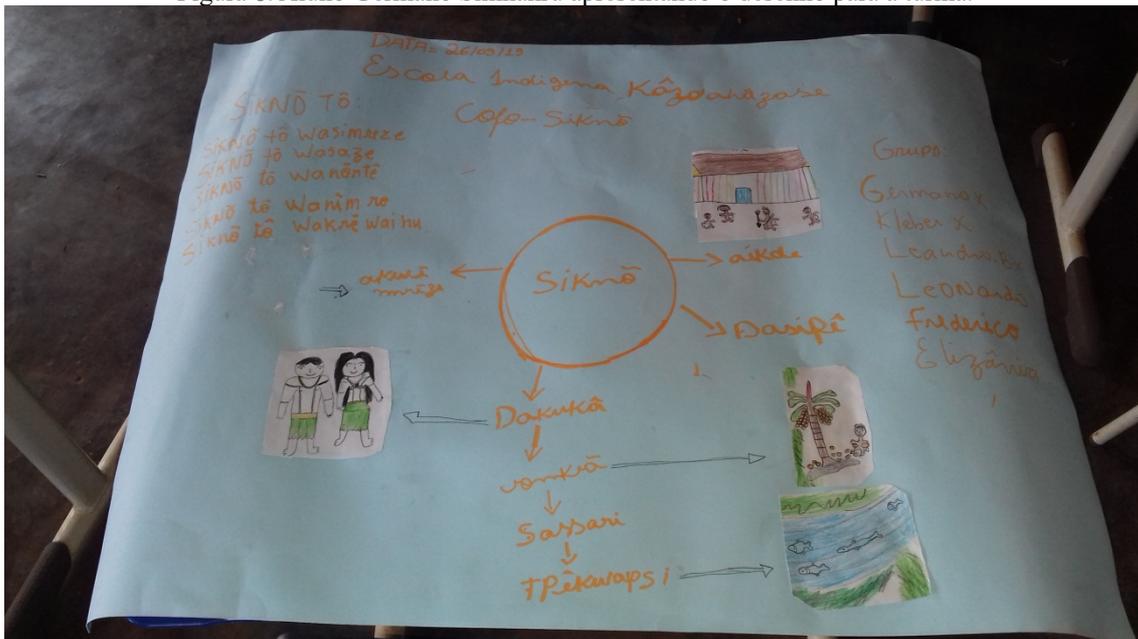
Fonte: Arquivo pessoal, setembro de 2019.

Transcrevo aqui alguns dos comentários deixados pelos alunos sobre para que serve o cofo:

1. Para Wanderlei Sakruiwe, o cofo é *wasimrmêze*, a nossa língua.
2. Para Namnãdi o cofo é *wakraiwaihkuzé* a nossa aprendizagem.
3. Para Kleber Srapte o cofo é *wanĩmro*, nosso objeto.
4. Para Bruwe o cofo é *pikõ inĩpi*, trabalho de mulher.
5. Para Simnãkru, cofo é nosso alimento, quiseram dizer que nele carregamos nosso alimento, *wasaze*.
6. Para Amkedi, o cofo é objeto de carregar as coisas, *romdurze*.

Esses foram pequenos textos produzidos por eles, opinião deles.

Figura 8. Aluno Germano Simnãkru apresentando o desenho para a turma.



Fonte: Arquivo pessoal, setembro de 2019.

No dia 27 de setembro de 2019, fizemos a conclusão do quarto estágio com o tema contextual “Cofó (*siknõ*)”, com correção de todas as atividades produzidas e a explicação novamente sobre o que vimos durante a semana. Por fim, realizamos a leitura dos textos produzidos por alunos, lendo na frente da turma e explicando o que aprendeu com esse tema contextual. Todos participaram. E em seguida, encerramos as aulas com meu agradecimento a todos os alunos e comunidade local.

Figura 9. Alunos e alunas, depois da apresentação do trabalho.



Fonte: Arquivo pessoal, setembro de 2019.

Neste quarto estágio descobri que em todos os trabalhos não encontramos somente maravilhas como “esperaríamos”, como diz a nossa grande professora Maria do Socorro Pimentel

da Silva, e sempre descobrimos as situações que nos deixam tristes. Nesse trabalho, descobri que das mulheres jovens Akwê são muito poucas que sabem traçar o *siknõ*, e os demais trabalhos femininos. Isso me deixou muito pensativo não só eu, mas a anciã que ficou com a gente também nessas aulas. Segundo ela, se continuarmos assim, pode diminuir mais cada vez mais o trabalho tradicional de mulher Akwê, que até no momento na observação dela somente as mais velhas que sabem fazer cofo *siknõ*, a maioria das jovens não se interessa muito por nosso trabalho. Ela ressaltou que os estudantes da faculdade podem contribuir bastante com os mais velhos, para os nossos jovens se interessarem pelo nosso trabalho tradicional, incentivar juntos a fazer, inventar algumas coisas para chamar atenção dos desinteressados enquanto há tempo, antes que o nosso trabalho tradicional e a nossa identidade se percam! Perderemos a metade da nossa identidade. Assim, ela encerrou com suas sábias palavras de incentivo e ainda se colocou à disposição para ajudar a ensinar as crianças e jovens, as mulheres em geral, para que aprendam a fazer todos os trabalhos que ela sabe fazer.

Portanto, me deixou bem triste e pensativo essa situação de a maioria das *pikõ* jovens não saberem fazer cofo. Mas apesar de tudo isso, consegui realizar esse trabalho. Agradeço a Deus pela coragem, dedicação, saúde e pelo apoio das comunidades e escola indígena.

5. Estágio V: Rowaihkukwa wanĩm romkmãdkâ wa tê wammẽ mnõ, ro ãhẽmba nẽhã, kãtõ ãhẽmba kõ nẽhã (tema contextual “Patrimônio cultural material e imaterial”)

O quinto estágio foi realizado de 4 a 7 de junho de 2021, na Escola Estadual Indígena Kãwahãzase.

Iniciei a minha primeira aula com o tema “Patrimônio cultural material e imaterial”. Para mim foi mais uma nova experiência junto com os meus alunos dessa escola, pois descobrimos juntos que dentro da nossa cultura na pintura corporal existe patrimônio cultural material e imaterial. Então apresentei o tema na sala de aula para os meus alunos, desenhei no quadro negro explicando quais tipos de patrimônio podemos considerar como material e quais como imaterial. Expliquei também que material é tudo que se toca, se manuseia, e imaterial é tudo que não se toca, por exemplo: histórias, cantorias, forma de tratamento e outros. Descobrimos juntos que as tintas, pau de leite, jenipapo, urucum e outros materiais de marcar o corpo são considerados como patrimônio material. Já as bolinhas das pinturas de *dohi* e as listras de *wahirê* ou *krozake* consideramos imaterial. Também as pinturas têm uma longa história de surgimento. De acordo com a minha pesquisa, esses clãs surgiram depois de descobrimento do fogo (*kuzã*), em que o menino Akwê foi levado por uma onça para a casa dela e ela mostrou o fogo a ele, e daí que surgiram os

partidos clânicos Xerente. Em seguida, solicitei atividade em grupo para desenhar pintura corporal *dohi*, *wahirê* ou *krozake*, e todos apresentarem juntos. E encerramos as aulas.

Figura 10. Alunos com o desenho de surgimento de todos os clãs – 3º ano do Ensino Fundamental.



Fonte: Arquivo pessoal, 4 de junho de 2021.

No dia 7 de junho de 2021, segunda-feira, continuamos com a atividade de desenhos das pinturas clânicas em grupo, e em seguida fizemos leitura visual do livro de desenho de surgimento de fogo (*kuzã*), explicando cada folha de desenho na história, o cunhado que levou o menino para tirar os filhotes de arara-vermelha (*krda*). E enquanto entrou na caverna, no buraco da caverna, o cunhado foi embora, e deixou o menino em cima do morro (*kurbe*). E quem socorreu o menino foi a onça, que o levou para sua casa, onde o menino cresceu vendo o fogo e comendo carne moqueada com fogo até que, depois de o menino crescer, a onça liberou para ele voltar para a casa de seus pais na aldeia e levou as carnes moqueadas, assadas com fogo para sua família e contou para seu tio. E assim, o povo Akwê foi buscar o fogo e tomar da onça. Esse menino que cresceu na casa da onça que é considerado como *kuzãpttêkwa*, e *dohi* da bolinha menorzinha existe até hoje. Foi assim que expliquei para os alunos.

E no dia 9 de junho de 2021, segunda-feira, realizaram aula prática com a participação da comunidade. Realizamos pintura corporal clânica, *dohi* e *krozake*, com as crianças, em que elas compreenderam mais a importância da nossa pintura clânica. E assim, encerrei as aulas sobre o tema contextual “Patrimônio cultural material e imaterial”.

Esse último estágio foi um grande desafio para mim por motivo da chegada da doença chamada COVID-19, que mudou e atrapalhou muitos dos nossos planos, e matou alguns dos nossos anciãos Akwê, inclusive nossa professora Maria do Socorro Pimentel da Silva. Mas apesar de todos os acontecimentos, realizei o meu último estágio sobre o tema “Patrimônio cultural material e imaterial”. Foi uma experiência enorme para mim e para minha comunidade e para os alunos.

Considerações finais

Com certeza, todos os cinco estágios contribuíram bastante para todos os alunos e comunidade do meu povo Akwẽ. Para mim, foi uma grande experiência. Antes de concluir, gostaria de encerrar com as palavras do ancião Hermogenes Smrĩpte:

“O conselho do ancião é que vocês, jovens, fiquem atentos, sempre de olhos abertos, ouvidos para escutar, não durmam muito cedo, e não durmam depois que amanhecer o dia, que coisa ruim não tem horário para chegar nas nossas casas. Portanto, seja desconfiado, principalmente com pessoas que não são do nosso povo Akwẽ. Também fiquem em alerta sobre doenças dos brancos que vem do outro lado da terra. Essa COVID-19 não é o primeiro que veio para nossa terra, já veio várias doenças como sarampo, catapora, catarro bravo, entre outras doenças, mas nós mais velhos estamos sempre preparados com os nossos remédios e conhecimentos tradicionais para enfrentar qualquer pandemia que vier. Sempre o Deus sol está ao nosso lado.”

Referências

Estágio I:

WAKRTIDI XERENTE. Roça tradicional no tempo de sua infância, nas décadas de 1970 e 1980. Epistemologias orais Akwẽ. Kâwahâzase/Recanto da Água Fria, 2018.

SILVA, Geraldo da. Tkaite. História da roça do povo Akwẽ.

Estágio II:

Abertura de UHE Ilha Solteira. *Jornal da Ilha*.

Desastre ambiental de Mariana (reportagem sobre a etnia Krenak: “Não podemos pescar, não podemos tomar banho, o rio para nós morreu”). *BBC News Brasil*, 22 de dezembro de 2015.

Vídeos diversos sobre economia de água.

Estágio III:

WAKRTIDI XERENTE. Remédio tradicional de plantas, óleos de animais e casca de madeira (segundo ela, antigamente o povo Xerente se curava somente com remédio tradicional). Kâwahâzase/Recanto da Água Fria, 2019.

Estágio IV:

WAKRTIDI XERENTE. Tipos de cofo *siknõ* que são fabricados pelos Akwẽ, e quem pode fazer cofo (se homem, mulher, menina, menino, anciã etc.). Epistemologias orais Akwẽ. Kâwahâzase/Recanto da Água Fria, 2019.

Estágio V:

MATOS, Rinaldo de. Como os anciãos Akwẽ na década de 1960 a 1980 contavam sobre o surgimento dos clãs depois do descobrimento do fogo (*kuzâ*). Kâwahâzase/Recanto da Água Fria, 2021.

SMRĨPTE XERENTE, Hermogenes Smrĩpte. Conselho para os jovens *wapte*. Epistemologias orais Akwẽ. Kâwahâzase/Recanto da Água Fria, 2021.

Livro de desenho sobre o descobrimento do fogo (*kuzâ*).